

B.N.

9917

S.C.

NA DE CASTRO OSORIO

Delegada da Camara Municipal da Cuba

A MULHER

NA AGRICULTURA, NAS INDUSTRIAS REGIONAES E NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

TESE APRESENTADA

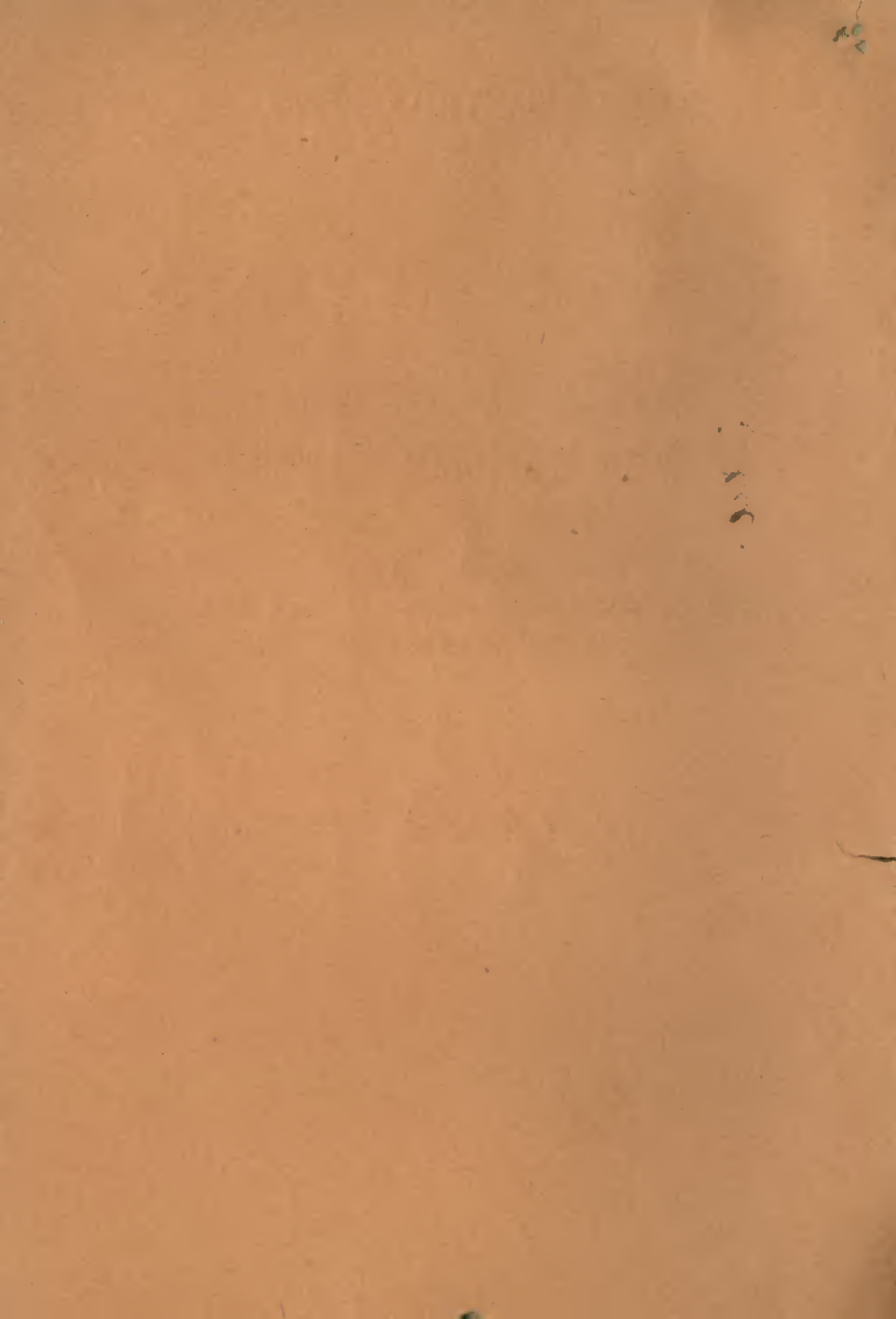
AO CONGRESSO MUNICIPALISTA DE EVORA, REALISADO EM 28,
29 E 30 DE OUTUBRO DE 1915



Casa Editora «PARA AS CRIANÇAS»

Rua do Arco do Limoeiro, 17, 3.º

LISBOA



10
9917

A MULHER

NA AGRICULTURA, NAS INDUSTRIAS
REGIONAIS E NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

W. H. H. H.

W. H. H. H.

W. H. H. H.

Of.

ANA DE CASTRO OSORIO

Delegada da Camara Municipal da Cuba

A MULHER

NA AGRICULTURA, NAS INDUSTRIAS
REGIONAES E NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

TESE APRESENTADA
AO CONGRESSO MUNICIPALISTA DE EVORA, REALISADO EM 28,
29 E 30 DE OUTUBRO DE 1915

60491



Casa Editora «PARA AS CRIANÇAS»

Rua do Arco do Limoeiro, 17, 3.º

LISBOA

ESTADO DA REPUBLICA
REPUBLICA DE PORTUGAL

LEI Nº 11.111

DE 15 DE ABRIL DE 1950
QUE REVOGA A LEI Nº 11.110 DE 15 DE ABRIL DE 1950

LEI Nº 11.111 DE 15 DE ABRIL DE 1950
REVOGANDO A LEI Nº 11.110 DE 15 DE ABRIL DE 1950





«As mulheres lusitanas tratam da casa e da cultura dos campos; os homens tratam da guerra e da rapinagem.»

JUSTINO.

Historia Geral. Seculo II.

Missão agricola da mulher

Convencionalmente se acordou em considerar Portugal um país agricola, sabendo todos como a agricultura quasi por toda

a parte se conserva sujeita' á rotina, num estado, por assim dizer, embrionário.

Possuindo um clima e um sólo que se prestam ás mais variadas culturas, tanto as que fazem parte

dos países tropicais, como as que só com o frio se dão bem; tendo regiões produtoras dos melhores vinhedos, dos mais afamados pomares, dos mais doces e variados frutos, como dos mais úteis cereais; podendo ter uma silvicultura modelar, porque não nos faltam para campos de experiência as montanhas ásperas onde se recorte a aristocrática linha do abeto, nem vales carinhosos ao sol morno do sul onde a palmeira agite brandamente os ramos exóticos; e terra privilegiada para todas as culturas florais — forçoso é confessar que na agricultura pouco ou nada temos feito que bem possa demonstrar as qualidades de inteligência, de trabalho persistente e previdente que noutros ramos caracterizam a nossa raça.

Portugal deveria ser de ha muito o delicioso ponto intermédio entre a natureza áspera da velha Europa central e o sonho brando da cariciosa e perturbante paisagem dos trópicos.

E' a última estação de repouso para quem deixa a linda e intelectual Europa, que ha milhares de anos defende com energia o predomínio da civilização orientadora dos homens, e é o primeiro passo para se entrar nessa terra pujante que, ha quatro séculos, os homens veem procurando e fecundando com o seu doloroso trabalho incendiado pelo fogo sagrado da ambição.

Tudo nos indica dentro da lógica e da natureza para sermos um recanto paradisíaco do mundo, onde a vida decorra fácil e atraente para os que estão e para os que nos procuram na ânsia de en-

contrar o momento fugidio de felicidade e de paz.

Unicamente tem faltado uma educação disciplinada e forte, que trace aos homens o caminho e lhes modere a acção, sem desfalecimentos nem ambições perturbadoras.

Povo de imaginativos e de agitados, é tempo de encontrar a forma externa da acção, orientando toda a prodigiosa actividade da raça e toda a ambição sonhadora da sua alma aventureira, no anseio comum de ter a mais linda, a mais rica, a mais feliz e respeitada das pátrias.

Para realizar o que á maior parte da gente parece uma utopia, na crise de impotência moral, que traz o negativismo, temos o direito de esperar que a mulher portugueza, a quem a História confiou o papel primacial de guarda e fixadora das qualidades excepcionais do nosso povo, que uma persistente emigração ameaçava descaracterizar, entre com todo o seu entusiasmo e toda a sua fé ardente na campanha que é necessário manter para a valorização da terra mais digna de ser amada.

Embora inconscientemente — é com mágua que o confessamos — a mulher em Portugal tem, por instinto, cumprido a parte moral da sua grande missão, ligando, duma forma ás vezes branda, mas segura, a tradição do passado á ânsia da esperança dum futuro que não deslustre aquele.

E' tempo, porém, de reconhecer ela própria o seu esforço e compreender quanto a pátria necessita do seu trabalho inteligente, da sua grande acção benéfica, da sua iniciativa e do seu amor.

A hora é de sacrificio, mas é, sobretudo, de fé. E quando é necessário tê-la para revolver os próprios montes, quem duvida das qualidades de energia e de persistência, sem desfalecimentos, da mulher?

Não ha defeitos que se não atenuem, nem qualidades que se não desenvolvam com a acção persistente da educação, orientada e disciplinada para o mesmo fim; a Alemanha nos está dando hoje a monstruosa prova da fôrça que a idéa e a palavra em si contêm.

A acção disciplinadora da educação modifica em duas gerações toda a estrutura moral dum povo e assim como conduz à loucura colectiva motivada no militarismo germânico, tambem conduz ao lindo gesto heroico da Itália de hoje, como levou á carinhosa e correcta sociabilidade do povo suiso.

Nós, a geração que demoliu o passado asfixiante e escancarou as portas dum futuro mais digno e mais honesto, temos o dever de não deixar passar a onda tumultuosa sem lhe fixar o ponto luminoso onde todos devem pôr os olhos, indicando o caminho que seguramente a êle nos hade conduzir.

Não ha país civilizado que despreze hoje o trabalho e a acção inteligente de metade, ou mais, da sua população; só porque a natureza a categorizou no sexo feminino; não é pois de estranhar que nós apelêmos para a mulher portugêsa, esperando que, observando-se e compreendendo-se a si própria, tome o lugar que lhe é devido na marcha para o futuro mais próspero de Portugal.

Em toda a parte, em todas as épocas, a mulher tem despendido no cultivo da terra uma grande parte do seu trabalho, mas a sua acção, obedecendo ás leis pesadas que fazem o predomínio da fôrça, tem sido mais trabalho de servidão do que consciência de deveres e direitos.

Todos os que conhecem no nosso país o trabalho agrícola, sabem quanto a mulher é utilizada para o serviço da cultura e principalmente das colheitas, sabendo tambem quanto o seu labor é desprezivelmente pago, mesmo que se iguale ao do homem.

Nas regiões de forte emigração masculina, como o Minho, todo o trabalho agrícola está a cargo da mulher, sendo apenas para lamentar que ela persista sem educação nem orientação científica na rotina duma cultura que não se harmoniza já com as necessidades da vida moderna.

E o que dizemos do Minho pode da mesma forma aplicar-se ao Algarve, ás Beiras e a Traz-os-Montes, como a todas as regiões em que a pequena propriedade rural, sem o laço benéfico do cooperativismo civilizador e inteligente, não deixa ao trabalho do homem campo onde desenvolva as suas aspirações de fortuna.

Ao tomarmos para nós o encargo de trazer a êste congresso uma tese de tamanha responsabilidade, não pretendemos impelir a mulher para um campo de acção que esteja fóra da tradição e dos hábitos femininos, porque sempre o trabalho agrícola tem sido desempenhado pelo nosso sexo em condições

dolorosas e pesadas; mas simplesmente pretendemos dar a êsse labor uma forma mais moderna, mais útil e mais prática, dignificando por assim dizer a missão da mulher que o venha a exercer com a consciência dos seus deveres e dos seus direitos.

Pretendemos com as nossas palavras — que só terão valor apoiadas pelos votos dêste congresso, afirmação brilhante das tradições regionalistas do país — chamar a atenção do Governo para a necessidade urgente de encarar a sério a instrução prática da mulher e a utilização das suas enormes faculdades de trabalho, como fazer-lhe compreender, a ela, que o futuro da pátria está virtualmente ligado ao seu próprio progresso intelectual e moral, como ligada está pela tradição e pela necessidade á terra, sem a qual a família, de que é a guarda, tem frágeis raízes nacionais.

A terra já não é, como nos tempos idos, o símbolo do conservantismo ignorante; hoje necessita do impulso inteligente e científico para se valorizar.

E á mulher, mais do que ao homem, corre o dever de solucionar o problema tremendo do exodo dos campos, afastar, sorrindo, o perigo do urbanismo, de que há tanto tempo se fala.

A mulher hade voltar a ser, quando se escude, como deve, na sciencia, a mãe de familia, na grande, na superior acepção da palavra. Não a escrava do lar, a serva obscura do clan, mas o cerebro raciocinador, o coração previdente, o espirito orientador e progressivo.

Ela será, quando bem se compenetre do seu alto destino, a educadora, que hoje lhe mandam ser, sem lhe darem conhecimentos para isso. Será de novo a verdadeira senhora da terra, que primeiro regou com o seu suor e fez florir com o seu trabalho.

Porque, enquanto o homem primitivo procurava na caça, na pesca e na guerra a satisfação dos seus instintos grosseiros, iniciando o direito de conquista, a mulher, guarda do tugurio em que se abrigava a família, iniciando a cultura, a industria rural, a tecelagem, a domesticidade dos uteis animais, preparava a hora solene da civilização.

E como os extremos se tocam quasi sempre, é no extremo primitivismo e na extrema civilização que à mulher é confiado o desempenho do mesmo papel progressivo.

De facto, nos países mais avançados em civilização é a mulher agora chamada ao interesse intelligente pela agricultura. Ao seu amôr é entregue a questão maxima da fixação das futuras gerações á terra fecunda e bôa, «onde havemos de encontrar a ressurreição e a vida», na frase de Tolstoi.

Após uma campanha que não tem mais de vinte anos, já a Alemanha contava, antes da guerra, alem de numerosas escolas domesticas agrícolas esparsas por todos os Estados da Confederação, centenas delas anexas aos pensionatos femininos.

Alem disto, existiam quatro escolas superiores de economia rural femininas na Saxonia, em Hesse-Nassau e na Baviera.

Não se contentando com a instrução divulgada por meio de escolas, também no imperio germanico se difundia a bôa palavra agricola, recorrendo-se a um grande número de associações femininas, organizadas com o fim de melhorar e aperfeiçoar o lar, e fazer da mulher uma preciosa auxiliar do lavrador.

A Bélgica, que antes desta monstruosa guerra tinha o ensino domestico modelar, começou a organização desse trabalho em 1889, dirigido pelo director geral da agricultura M. A. Proost. A primeira escolá foi fundada em 1889 e eram inumeras as que se encontravam no laborioso país, que tão alto subiu na consideração mundial com o seu immerecido martirio.

Foi o inspector principal da agricultura Mr. Paul Du Vuyst — que bem se pode chamar a alma do movimento em favôr da instrucção da mulher do campo — quem organizou a admiravel campanha no seu duplo aspecto: pela escola e pela associação:

Sobre o primeiro ponto de vista a Bélgica tem três tipos de escolas, a saber:

1.º *Secções domesticas agricolas*, destinadas a dar ás raparigas a instrucção geral e ao mesmo tempo o amor á profissão agricola;

2.º *Escolas domesticas agricolas*, que administram ás alunas uma instrucção agricola sólida;

3.º *Escolas superiores de agricultura*, cuja missão é dar ás raparigas uma instrucção agricola superior, habilitando-as a tomar parte na gerencia de

propriedades ou grandes explorações rurais e preparando-as para serem professoras das escolas domésticas agrícolas.

Ha tambem na Bélgica escolas moveis de ensino agricola sob o ponto de vista doméstico.

Nem todas estas instituições são do Estado, como é facil de compreender. O Departamento da Agricultura subvenciona 11 escolas e 4 secções domésticas agrícolas. Os povos verdadeiramente civilizados fiam mais de si proprios do que da acção dos Governos, que por sua propria natureza tem de ser conservadora, lenta, mais dispendiosa e de maior responsabilidade. A iniciativa particular, mais desembaraçada de peias e de responsabilidades, tem por missão, dentro das colectividades cultas, desbravar o caminho por onde depois os governos seguem com segurança e com a largueza que as forças de que dispõe lhe autorizam.

Assim, na Bélgica havia muitas escolas devidas á iniciativa particular, ás associações agrícolas e aos pensionatos femininos.

As desta categoria são, em grande parte, subsidiadas pelo Estado e pelos municipios.

Vêja-se agora a obra das associações dos lavradores na Bélgica, que mademoiselle Donhat, uma autoridade no assunto, diz formarem «uma extensão do ensino doméstico agrícola».

A Bélgica, cuja superficie é quasi igual á do Alentejo, contava antes da guerra 212 associações de lavradoras.

Observando o crescimento destas associações

em quatro anos de vida, avalia-se melhor o seu alcance moral.

Para não ser fastidiosa com uma longa enumeração estatística, basta só dizer que no ano de 1906 havia apenas duas associações com 115 membros, que promoveram quatro conferencias ouvidas por 90 pessoas. Pois em 1906 as associações passam a ser 65, com 6162 membros, que promoveram 212 conferencias ouvidas por 12:447 pessoas.

Em quatro anos não pode tirar-se melhor resultado duma propaganda! Isto mostra apenas que ela correspondia a uma necessidade imediata.

A esta enorme actividade de propaganda ha ainda a juntar os concursos agricolas e a publicação de jornais de agricultura.

Os concursos agricolas — escreve ainda Luise Donhat, illustre professora duma importante escola doméstica agricola — constituem para a região um excelente método de provocar rápidos progressos nos diversos ramos das atribuições da lavradora. Como são esses concursos? Como educam e ensinam? «O tipo de concursos que nestes últimos tempos melhores resultados deu é o dos concursos de estábulos. O juri vae fazer uma primeira visita aos estábulos dos concorrentes inscritos, para indicar os melhoramentos a introduzir. Em segunda visita distribue os premios, conforme as indicações e os conselhos foram ou não seguidos. O que se tem feito para os estábulos, poderia fazer-se para as hortas, leitarias caseiras, capoeiras, arranjo e higiene da casa do lavrador, etc.»

«As conferencias realizadas naquelas 212 associações de mulheres versaram assuntos dos mais variados, mas todos convergindo ao mesmo fim: o levantamento do bem estar material e moral da sociedade, das familias agrícolas e por tanto do operario do campo e de toda a população rural.»

A Italia tem hoje boas escolas agrícolas e de jardinagem para mulheres. O mesmo se observa na Russia, na Inglaterra, na França, nos países escandinavos, no Japão, etc. Nos Estados Unidos da América do Norte todos sabem quanto representa uma boa e inteligente lavradora na economia do país.

As avicultoras, com a criação scientifica das suas capoeiras, umas explorando de preferencia a produção dos ovos, outras mandando ao mercado aves de raças escolhidas, outras só cuidando de vender frangos ou galinhas para o consumo immediato, são uma fonte de riqueza enorme para alguns Estados da confederação.

E não sómente avicultoras e floricultoras instruidas são as laboriosas lavradoras americanas. Elas já sabem mandar para o mercado os mais formosos frutos dos seus pomares, elas têm desenvolvido prodigiosamente a industria dos lacticinios, da apicultura e muitas outras.

As lavradoras norte-americanas são uma força inteligente e consciente, com a qual é necessario que os politicos contem.

E são terriveis, quando caem com todo o peso da sua opinião nas urnas de que saem os seus re-

presentantes. Porque elas não querem, nos sitios onde podem influir, os mandriões... os zangãos que embaracem o labutar da sua farta colmeia. Repelem os alcoolicos, verberam o crime, a prostituição e a ignorancia.

Os americanos sabem compreender tão bem quanto vale a cooperação inteligente da mulher, que não é raro o agricultor e o criador de gado procurarem para sua companheira mulher que pelo seu curso de agronomia ou de medicina veterinaria pode ser um precioso auxiliar á sua vida de trabalho inteligente.

Isto, que á educação sentimental do latino pode parecer menos poetico, é justamente o que dá a esses casamentos de gente séria, laboriosa e sã, uma unidade de interesses e uma força que não tem a maior parte das frageis ligações sentimentais entre o homem só a produzir riqueza e a mulher só a despendê-la.





Floricultura

A par das industrias agricolas devemos contar como das mais importantes a floricultura, tão importante, tão variada e compensadora como a dos cereais ou outros produtos alimentares... Porque é bem certo: nem só de pão vive o homem... Antes pelo contrario: as necessidades do ser civilizado são tão diversas das do seu irmão primitivo, que se dirá, talvez sem exagero, que soffremos mais com a privação do dispensavel, do que verdadeiramente com a falta de certos alimentos que já não são a única base da nossa alimentação variada.

Quando ao camponio boçal se fala da grande e bela industria das flores, vêmo-lo arregalar os olhos de espanto e encolher os hombros com piedade pelas coisas que certa pobre gente das cidades pensa e diz. É que ele, que só por instinto e curiosidade do senso artistico, inato no ser humano, no balcão da sua pobre casa cultiva as mais singelas sardinheiras ou os cravos mais plebeus, não pode

sequer fazer uma leve idéa do que seja a floricultura industrial. E no entanto ha em Portugal plantações de palmeiras que, exportadas para o luxo dos países do norte da Europa, dão tanto ou mais rendimento do que o trigo e o vinho. Em Setubal, onde primeiro se iniciou em ponto grande o cultivo da palmeira, planta ornamental e decorativa, larga e compensadamente exportada para a Europa Central, ha já três vastas quintas com esta exploração arboricola.

Todos sabem, sem duvida, o valor de algumas orquídeas, as lindas parasitas de que os bosques do Brasil se ornarn formosamente.

Ninguem ignora, por certo, quanto a moda algum dia valorizou as tûlipas, em que na Europa, principalmente na pacata Holanda, se gastaram verdadeiras fortunas.

E não perdendo nunca o fio da tradição, que é o que faz a grandeza moral dos povos, esse pequenino país ao qual tantos laços históricos nos ligam, possui hoje a melhor organização agrícola e o mais intelligente ensino de todos os ramos desta grande sciencia. A floricultura explorada commercialmente occupa uma superficie total de 74:575 hectares da terra holandêsa.

A cultura floral ao longo da costa contava em 1904 uma extensão de 3:264 hectares de plantas bulbosas; pois em 1907 exportava 15 milhões de kilos de flores, representando um valor monetario de 10 milhões de florins.

Mas para este admiravel resultado concorreram a

propaganda e o ensino e não pouco o decreto de 20 de Novembro de 1899 criando o serviço fitopatológico para combater as doenças das plantas e garantir ao estrangeiro que o produto exportado está livre de qualquer doença.

Na Gueldre, a região da Betuw, ha uma extensão de 6:000 hectares de vergeis.

Só a terra consagrada á cultura da grosêlha occupa uma superfície de 2:000 hectares.

A cultura das framboêsas na Baronía de Bréda tem um rendimento anual avaliado em um milhão de kilos e o mesmo succede ás uvas cultivadas nas estufas do Westland.

Em 1904 o total das terras exploradas pela arboricultura holandêsa elevava-se a 2.075 hectares, dando lugar a uma exportação media de 10 milhões de kilos por ano, enviados principalmente para os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Belgica e Dinamarca. E tudo isto é, em grande parte, o trabalho da mulher e tudo isto — devemos pondera-lo — seria no nosso país uma fonte preciosa de riqueza publica, com muito menos trabalho e cuidados, tendo a nosso favor o sólo e o clima admiraveis que são a nossa maior fortuna.

E não só na Europa central, mas até na extrema oriental, a floricultura é hoje uma das mais belas fontes de receita dos povos.

Não é, certamente, novidade para ninguem dizer-se que ha na Bulgaria e na Turquia povoações inteiras que exclusivamente vivem do cultivo das rosas, que, destiladas em perfume suavissimo, valem

mais do que o oiro. E o mesmo succede nessa deliciosa terra dos Alpes, a perfumada Grasse, onde a população, principalmente as mulheres e as crianças, se entregam á simpatica tarefa da floricultura industrial.

Que o nosso país é eminentemente apropriado á floricultura, assim como ás culturas do pomar e da horta, já dois seculos antes da era cristã o dizia o historiador Polybio, quando afirmava que, «pelo bem temperado do seu clima, na Lusitania jámais se estragavam os frutos e que as rosas, os goivos brancos, os espargos e outros productos semelhantes só deixavam de criar-se durante três meses no ano.»

Um campo de rosas ou de violetas, uma encosta coberta de junquinhos nevados, um pomar de lilazes ou de laranjeiras que só dão flôr, canteiros de lirios e de nardos... eu não sei de maior encanto para o espirito duma cultivadora inteligente, que pode calcular, sem de modo algum lhe tirar a poesia, o fabuloso lucro que desse encanto provirá. E' na verdade realizar o ideal maximo, juntar o util ao agradável.

A floricultura, sob o ponto de vista comercial e industrial, é, sem duvida, um dos campos mais apropriados á utilização inteligente do trabalho da mulher.

Pelas ligeiras notas que aqui démos, e que mais largas não pôdem ser, porque outros assuntos sollicitam a nossa atenção no desenvolvimento desta tese, todos ficam compreendendo a riqueza imensa

em que se póde tornar para o nosso país o estudo e desenvolvimento florícola.

Pelo nosso clima, pelo nosso solo e pelo amor inato do nosso povo á flôr, Portugal está naturalmente indicado para realizar a frase do poeta e ser realmente «o jardim da Europa...» O commercio interno da flôr vai-se entre nós desenvolvendo bastante, em especial nas grandes cidades, como Lisboa e Porto. Mas não basta esse horizonte á intelligencia e labor duma população economicamente educada. Além da exportação da flôr viva, chamemos-lhe assim, que póde ir para a Europa central e Espanha, como até hoje tem vindo de lá para cá, temos a exploração industrial que, como dissémos, faz a fortuna de muitas regiões. Que enorme campo não é esse para a actividade da mulher, não só para operarias e cultivadoras assalariadas, como para a proprietaria intelligente e industrial, instruida no seu mistér?! Só neste limitado campo da floricultura commercial a mulher portuguesa tem muito por onde exercer a sua actividade e auferir o seu pão honestamente, desde a modesta vendedora de flôres que necessita de educação para valorizar a mercadoria, fazendo ramalhetes artisticos e apresentando-se vestida com graça, até á proprietaria dos jardins, á industrial, á operaria e áquella que dirija quimicamente os alambiques de destilação, á que vigie o acondicionamento das essencias e á comerciante, que é o traço de união entre o produtor e o publico.

No nosso país ha regiões privilegiadas para a

floricultura, bastando que oficialmente o governo encarregue os especialistas de estudarem as melhores zonas florícolas e dentro delas fazerem então a propaganda pelos seus habitantes e em especial entre as senhoras a quem mais apropriada está essa cultura, instituindo-se cursos moveis para o ensino, até que se torne em pratica geral. Criado o interesse, obtida a compreensão do assunto, a iniciativa particular fará o resto.





Arboricultura

Se a floricultura é um largo e belo campo de exploração para o trabalho e iniciativa inteligente da mulher, a arboricultura está mais ainda ao seu alcance imediato, pois que a industria tem já bastante valorizados alguns dos nossos produtos frutíferos.

Pela fatalidade historica que empurra o povo português para a emigração — Moloch insaciavel que priva os nossos campos do braço masculino — e ainda pela tradição, pelo solo e pelo clima excepcionais de que gosamos, o nosso país está naturalmente indicado para se tornar um lindo e riquissimo vergel.

Se compararmos a facilidade com que podemos ter aqui os mais delicados e mais cotados frutos para consumo, industria e larga exportação, com o trabalho e despesa que exige a mesma cultura em nações menos favorecidas pelo clima e que, apesar disso, conseguem uma industria exportadora, havemos de confessar que a nossa incuria só poderá

desculpar-se pela relativa facilidade da vida nas terras do sol, como a nossa.

Regiões como o Algarve e Traz-os-Montes, onde frutifica a amendoeira, e o figo amadurece ao calor ardente do estio, podem ser, mais ainda do que são, uma fonte extraordinaria de riqueza nacional, disciplinando e melhorando o trabalho da mulher, que é já a alma dessas hoje pequenas culturas, amanhã transformadas em prodigioso manancial de lucro.

O Alentejo, apesar de não ser uma região tão mimosa de terreno para pomares e hortas, conseguiu mais do que nenhuma outra consagrar uma industria de secagem de frutos estimada em todo o mundo.

A ameixa de Elvas honra a cultura e a industria portuguezas e merece a atenção de todos quantos se interessam pelo progresso do país.

E' larga bastante a lista das arvores frutiferas que são já, e poderão ainda vir a ser mais, um grande ramo de exploração agricola, comercial e industrial, quando exploradas com persistencia e conhecimento do assunto.

O figo do Algarve atingiu este ano um preço altissimo, devido á falta do de Smyrna e á aceitação que tal alimento tem para os soldados em campanha; mas será sempre, mesmo em tempo normal, uma grande riqueza, podendo estender-se o seu cultivo e a sua secagem a outras regiões portuguezas, embora tenha de se recorrer ás estufas, que já existem na estação agricola de Mirandela,

onde falta o sol ardente e persistente da região algarvia.

A amendoa, a noz e a avelã teem; assim como a ameixa, o figo e outras passas, um mercado seguro no Brasil, onde a valorizar os nossos produtos ha o amor com que o português exilado olha e quer a tudo quanto recorda a terra longinqua da patria. O mesmo succede com o italiano e com todos os emigrantes, afinal, que são os melhores agentes comerciais das suas patrias respectivas. Mas, quanto á exportação de frutas secas para o Brasil, tudo depende dum ponto importante, que é o acondicionamento e o poder-se contar com os transportes, de modo a ter as praças fornecidas em novembro, para se concorrer com os produtos similares doutros países, principalmente do sul da Espanha e da Italia, que já sabem que a grande venda destes artigos se faz especialmente para as festas do Natal.

Na região transmontana, conhecida pela *terra quente*, que já tanto tem beneficiado com o posto agricola de Mirandela, é necessario tornar bem conhecida das mulheres a fonte de riqueza que teem ao alcance das suas mãos.

Nessa provincia, em que não é difficil encontrar senhoras proprietarias que se interessem e saibam de agricultura praticamente, tanto como os maridos ou os pais, não será difficil fazer-lhes comprehender o que a pomicultura industrial representará na economia das suas familias e quanto se espera da sua intelligencia e boa vontade. E' principalmente a

essas senhoras que compete a organização metódica da industria exportativa dos frutos da região, interessando a mulher do povo pela propaganda de facto e pela associação, que valorize o seu trabalho.

Todos sabem quanto teem valido os lindos pomares de Setubal com a sua exploração larga da laranja, principalmente exportada para a Inglaterra. Tanta fama teem ainda hoje os doirados pomos, tornados pelo nosso sol criador os mais saborosos do mundo, que até na Italia se lhes chama, vulgarmente, «Portugal».

O dôce cristalizado da laranja azeda foi tambem em Setubal, no tempo dos conventos, uma pequena industria caseira bastante compensadora, cuja exportação se fazia principalmente para a Escandinavia. Hoje esse comercio arrasta-se penosamente, sem esperanças de voltar a ser o que foi, porque ha coisas que só a mulher das classes mais elevadas pode fazer valer num trabalho domestico sem grande capital, nem valorização das horas despendidas.

Assim se vão perdendo outras especialidades de conservaria conventual, que tinham fama e nome, como a marmelada de Odivelas, as ameixas de Ferreira e outras que teriam de ficar exclusivamente industrias caseiras para se poderem manter.

Com o evolucionar da sociedade, que tudo transforma, esses antigos dôces de alto ponto assucarado vão sendo substituidos pela moderna compota, de que temos os melhores produtos na fabrica Brito, de Alcantara.

Toda a gente conhece, ainda que seja sómente de nome, as peras do Fundão, as maçãs da Beira, as melancias da Covilhã, os «primores» magníficos dos vergeis de Alcobaça, antiga cultura que inteligente propaganda ressuscitou e está valorizando, as azeitonas, as uvas de mesa do Douro, Setubal e Algarve, as cerejas e ginjas lusitanas, já afamadas no tempo de Plínio, que se refere ao apreço que lhes davam na Belgica e no Rheno, sem falar nos melões admiráveis que em diversas regiões se criam em Portugal e podiam ser exportados compensadoramente para terras onde não pôdem criar-se e tanto se apreciam — tudo isso representa já hoje uma grande riqueza que, inteligentemente explorada, maior ainda se tornará.

No cultivo, na apanha, na secagem e principalmente no acondicionamento, teem as mulheres o seu lugar marcado, sendo para desejar que em breve possamos vêr as nossas frutas apresentadas com o esmero e limpeza com que apresentam as suas outros países, especialmente a California onde a nossa grande colonia está fazendo o que nós aqui devíamos tambem fazer.

À mulher portugûesa deve ficar especialmente confiada esta grande industria, como succede ás mulheres de outros países, que, por certo, não valem mais do que as nossas.

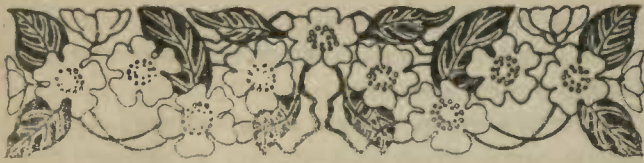
A ela, principalmente, no seu duplo papel de mãe e educadora, cabe a missão de conhecer, para a ensinar aos filhos e aos alunos das suas escolas, a religião da Arvore.

E ela que hade fazê-la amar, não sómente como produtora da riqueza frutífera, mas como reguladora do clima, como fixadora das areias move-diças do litoral, dique invencível á progressão constante das dunas, amparo das serras que se esbo-rôam e assolam os vales, onde o homem tem o seu pão e o seu vinho, industria florestal, fogo sagrado do lar do pobre, sombra carinhosa das estradas, beleza suprema das matas pacificadoras na fôrça que representa o passado e o futuro.

Temos a obrigação de contar com a propaganda intensificada de todos os amigos da arvore, no sentido de interessar a mulher nesse culto, e confiã-mos que não só o governo central como os municí-pios criarão as escolas praticas de pomicultura, au-xiliada pela missão de propaganda que vai ás pe-quenas povoações ensinar e dirigir o cultivo scien-tífico, principalmente nos lugares em que exista já uma produção especial.

A essas missões-escolas é que compete ensinar como se tratam as arvores para a melhor produção dos frutos, a sua escolha e acondicionamento para a exportação em fresco, assim como a secagem e conservação em dôce.

Esta dupla campanha tem de ser posta em pra-tica imediatamente, porque tudo o reclama no país, que necessita de criar fontes seguras de riqueza, não perdendo uma oportunidade que talvez se não torne a apresentar.



Horticultura

A horticultura está naturalmente indicada para ser o trabalho mais simpático á mulher agricultora, porque ela representa a graça do jardim e a utilidade pratica da horta, que tanto agrada ao seu espirito de economia.

Quando a horticultura toma a forma industrial, baseando-se na sciencia para intensificar a produção e dar os «primores» pela forçagem da cultura, conseguindo o lucro compensador para os seus cuidados, aproxima-se mais da floricultura do que verdadeiramente da horticultura.

O cultivo do *hórto* é completamente diverso do da *horta*, mal se podendo mesmo comparar.

No *hórto* explora-se a cultura permanente, intensiva, com estufas, campânulas, vidraças, persianas, abrigos enfim de todas as formas, para auxiliar o trabalho da terra, dessa terra que bem pouco ás vezes tem do solo primitivo, pois este fica muito abaixo das raizes que se nutrem e se expandem sobre outra terra que o homem procura, escolhe,

tempéra e torna quimicamente tal como é preciso que ela seja para a sua industria de *primores* destinados á mêsa dos ricos.

A *horta* é vasta, plebeia e mais ou menos primitiva nos seus processos culturais, produzindo bom ou mau, á aventura da sorte e no tempo proprio, sujeita ao comercio que compra muito e barato sem seleccionar, para o grande publico que come naturalmente, por necessidade de viver, e não pelo gôso educado dos sentidos.

Ambas as formas da horticultura são uteis e a ambas a mulher portugûesa pode e deve dedicar-se com amôr, porque, se uma dá mais lucros, a outras dá tambem menos riscos e trabalho, além da consoladora satisfação de alimentar muitos estomagos que sabem tristemente o que é a fome.

Nas *huertas* de Valencia — que admiravelmente descreve o distinto agronomo Menezes Pimentel na parte do seu trabalho, resultado da missão official de estudo de que se desempenhou cabalmente, intitulada «Frutas, Legumes, Flôres» — podemos vêr o que na Espanha se faz nêsse sentido e, comparando com o que na nossa terra se poderia fazer e não se faz, sentimo-nos vexados no orgulho legítimo de quereremos ser sempre os primeiros.

É, pois, absolutamente urgente intensificar a propaganda agricola e *forçar* a compreensão de todos quantos ainda hesitam no nosso país, nem sequer vendo o que se faz nos outros, para se chamar a mulher de trabalho a exercê-lo com mais utilidade e mais convicção do bem que realiza, e tirar da cri-

minosa ociosidade as que mais uteis ainda podem ser na cultura científica, as senhoras da classe média, mulheres, filhas e irmãs dos homens que mais labor representam nas sociedades modernas.

A horticultura, como todas as fôrmas da cultura agrícola, é hoje perfeitamente científica, reconhecendo-se em todos os países que, para ela se desenvolver e progredir, é indispensavel o concurso intelligente da mulher. Eis o motivo por que têm escolas femininas especiais para a horticultura a Belgica, a Holanda e os Estados Unidos, a que já nos referimos, assim como a Suecia, a Dinamarca, a Finlândia, a Inglaterra, a Australia, a Alemanha e outras nações.

A Russia, antes do conflito europeu que tudo perturbou, estava pensando muito a sério no ensino agrícola feminino, tendo aberto ultimamente em Moscou um curso especial de horticultura para meninas.

O assunto é tão urgente, que nos ultimos congressos agrícolas se têm sempre formulado votos no sentido de dar á mulher, pela instrução, o verdadeiro lugar que lhe compete na agricultura e industrias agrícolas. Foi após o congresso internacional feminino, realizado em Londres em 1899, que se formou a «União internacional feminina agrícola e horticola», com séde em Londres, contando membros em todos os países civilizados.

Esta liga tem por fim reunir todas as mulheres dos países que se interessam pela agricultura, para que se auxiliem e vulgarizem os melhores métodos.

Além deste, tem ainda um fim altamente social, que é espalhar quanto possível o gosto pela agricultura entre as mulheres, mostrando-lhes que é um belo meio de ganharem honestamente a sua vida, se possuírem a instrução especial necessaria. Orientando a instrução das raparigas inteligentes para a agricultura e fazendo-as amar a terra, espera a «União» lutar vantajosamente contra o tão grave mal social, que é por toda a parte a despovoação rural. Só pelo trabalho e pelo amor inteligente da mulher á agricultura se oporá um dique ao perigoso exodo que despovôa os campos para as cidades super-habitadas.

Ora o nosso país não foge a esse mal, especialmente esta vasta provincia do Alentejo, que representa o futuro e a riqueza da grande agricultura em Portugal. É necessario que as mulheres tenham muito amôr a esta terra e ao seu cultivo, que é quasi a nossa unica razão de existir.

A associação constitúi um dos meios de que em toda a parte se lança mão para interessar a mulher no progresso agrícola; é pois necessário que todos os agricultores e todos os agrónomos pensem muito a sério num problema que por toda a parte se está resolvendo por uma forma única.





Agricultura geral

Especializámos propositadamente os três ramos afins da agricultura, em que á mulher cabe um lugar de destaque, porque são eles os que melhor se adaptam ao regimen da pequena cultura, a que estão entregues três quartas partes do terreno agricultado em Portugal.

A renovação agrícola hade fazer-se no nosso país, não tanto pela vontade consciente dos homens, mas ainda mais pelo impulso que nos vem de todos os lados e á mulher pertencerá um papel que, ou útil ou quasi nulo, conforme a educação e a instrução que neste momento lhe começarmos a dar.

Sessenta por cento da população portugueza entrega-se aos trabalhos agrícolas e sem termos á mão uma estatística que rigorosamente o comprove, dêsses sessenta por cento a maioria deve ser de mulheres e crianças, que tanto labutam na terra e nas indústrias a ela sujeitas.

A mulher, em Portugal, tem sempre desempenhado um papel importante nos trabalhos agrícolas,

principalmente, como atraz o constatámos, nas colheitas, nas mondas e sachas, nos transportes e sementeiras, em todos os trabalhos mais ou menos pesados.

Nas províncias do Norte, a mulher faz todos os serviços agrícolas, ainda os mais duros, como tirar água dos poços com os primitivos engenhos movidos a braço, lançar a semente á terra e o adubo que a fertiliza, lavrar, malhar, e até revolver o solo com a enxada polida pelo labor.

E tudo quanto faz representa o amor pela terra que lhe dá o sustento dos filhos e a fartura do lar.

No litoral minhoto, vêmo-la partilhar o seu esforço ingente no cultivo da terra e, na luta com o mar, ter atitudes verdadeiramente helénicas, para lhe arrancar as algas que a onda vem trazer á praia e mais tarde representam o adubo precioso.

Nas grandes explorações agrícolas, o seu trabalho é aproveitado, tanto como o do homem, e melhor do que ninguem o sabem os agricultores alentejanos, que para as suas grandes lavouras tanto necessitam dos emigrantes *ratinhos* da Beira.

Veem aos ranchos, descendo das terras ásperas e lindas da montanha e passam meses seguidos longe da casa e da família, sob a direcção do capataz, labutando ao lado do homem, seu companheiro no trabalho e na dôr, mas sempre seu superior no salário.

Na Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, onde ha dois anos se enveredou pelo esperançoso caminho da cultura intensiva e melhorada do arroz

—prometedora riqueza que já não pouco tem influido pelo exemplo entre os lavradores vizinhos e muito hade representar na futura economia nacional —lá as vimos ha pouco, essas corajosas montanheiras de saia arregaçada, chapéo sôbre o lenço vistoso, os seios bem juntos sob a blusa de chita, as pernas mal protegidas por meias altas, prontas a entrarem nos campos irrigados onde o arroz já tem amarelecidas as espigas fartas, que a foice ligeira hade cortar e ás braçadas seguirão para a máquina que na eira resfolga e vive, como se tivesse dentro a alma generosa duma bôa fada.

Vendo-as tão laboriosas, tão resignadas, tão fortes, recordamos naturalmente as quadras de Cesário Verde, o poeta português que melhor soube compreender a poesia rural em toda a sua fôrça e verdade, libertado de bucolismos ridículos :

«Enquanto a ovelha arredonda,
Vão tribus de sete filhos,
Por várzeas que fazem onda,
Para as derregas dos milhos
E molhadelas da monda.

«De roda pulam borregos;
Enchem então as cardosas
As moças dêsses labregos,
Com altas botas barrosas
De se atirarem aos regos!

«Ei-las que veem ás manadas
Com caras de sofrimento,
Nas grandes marchas forçadas,
Vem ao trabalho, ao sustento,
Com fouces, sachos, enxadas!

«Ai o palheiro das servas,
Se o feitor lhe tira as chaves!
Elas chegam ás catervas,
Quando acasalam as aves
E se fecundam as hervas!»

E não só em Portugal, mas em todos os países do mundo, é considerável o número de mulheres que trabalham na agricultura. Simplesmente entre os povos de primitivismo bárbaro ela é a escrava, a serva imbecilizada, que trabalha sem nobreza nem autonomia para o senhor, que a trocou por algumas cabeças de gado.

Um pouco mais acima, na escala da civilização, é ainda a serva adstrita á gleba miserável que revolve com os seus braços e rega com o suor do seu rosto para os senhores que lhe desconhecem a alma e lhe desprezam o labor.

Só mais tarde, quando os povos atingem a maior consciência e a mais alta cultura, a mulher retoma, mas então voluntariamente, o trabalho da terra, que é a sua fôrça, mas como elemento consciente e fomentador da maior riqueza.

Eis o período que julgamos o nosso país ter atingido e por isso indicamos á mulher o largo e belo caminho que diante dela se rasga nos domínios da agricultura e do seu indispensável complemento — a pecuária.

Mal se podem separar, num trabalho agrícola consciente, os dois estudos que formam um todo homogéneo — a agricultura e a pecuária. Uma não pode viver sem a outra; se um campo é largo e

cheio de benefícios, o outro não o é menos; e em ambos a mulher tem o seu lugar marcado, de modo a ser uma inapreciável fomentadora da riqueza pública.

Enunciando alguns ramos da indústria pecuária, de modo nenhum pensamos em esgotar o assunto, nem sequer abraçar todas as modalidades da complexa sciência zootecnica, mas simplesmente queremos referir-nos ao que mais se pode imediatamente vulgarizar com utilidade para a economia do país e para a libertação e nobilitação da mulher pelo trabalho consciente, que é o nosso ideal.





Lacticultura

Falar na missão da mulher no vasto dominio da exploração de lacticínios é quasi um pleonasmó, pois que o seu trabalho é neles indispensável e quanto mais avançar a lacticultura, que é já felizmente uma segura fonte de riqueza no nosso país, mais o trabalho da mulher será necessário.

Começando pelo sistema primitivo, de que mal agora vamos saindo em Portugal, sempre a mulher teve a sua missão nesta indústria, tão velha como a civilização, e que inicia a sua benéfica influéncia, elevando o homem de caçador e guerreiro a pastor e agricultor, que tanto mais desejam a paz, quanto mais temem que perder e mais fácil lhes corre a vida material.

E assim por toda a parte encontramos a mulher pastora, já de camelas, na terra ardente, onde o berbere defende a sua tenda, já de ovelhas nos vales e alcantis da nossa terra linda. De pastora é o primeiro passo da sua vida agrícola. A própria tradição a consagra pastorinha amável e ladina nos

contos infantis, santa pastora das lendas cristãs, fonte de ilusão e de felicidade na moderna mitologia católica.

Mais tarde, é ela ainda quem fabrica o requeijão e o queijo, sem cultura nem método, só por intuição; pela aptidão inconsciente que dá o trabalho tradicionalmente seguido, ela consegue dar-nos o tipo mais ou menos fixo dos nossos admiráveis queijos da Estrêla, os cabreiros picantes de Trazos-Montes, o queijo alentejano, e outros mais ou menos conhecidos por êsse país fóra.

Com uma instrução nula e uma tecnologia perfeitamente rudimentar, ninguém faria mais nem melhor.

É tempo, porém, de atacarmos de frente o problema e resolvê-lo, como todos os países o tem resolvido, pela instrução disseminada e pela indústria científica.

O queijo manteigoso, o da Serra da Estrêla e porventura o seu similar alentejano, podem ter um largo mercado no estrangeiro, principalmente no Brasil, onde o próprio português, saudoso, o paga compensadoramente.

Quando residimos em S. Paulo, um dos mais ricos e progressivos Estados da Federação Brasileira, doeu-nos não pouco vêr como a nossa indústria era batida na concorrência com o estrangeiro, nem sempre por ser melhor, mas sim por melhormente apresentada.

E falámos tantas vezes no que de nosso ali podia valorizar-se e especialmente no queijo da Serra,

que, mais por gentileza do que por espírito de ganância, patrícios nossos mandaram ir da Serra uma encomenda de queijos, os quais ali chegaram em optimas condições, transportados na câmara frigorífica do navio.

Retirando logo em seguida, não sabemos se a importação continuou, mas que essa primeira remessa foi rapidamente esgotada, vendendo-se a 8:000 reis o quilo (moeda brasileira, é claro), podemos affirmá-lo.

Temos, pois, mercado á farta, não só interno como externo, para o que pudermos fabricar.

Possuimos um tipo de queijo inigualável, especialmente para o paladar portuguez... e portuguezes temos, em magníficas condições económicas, espalhados por todo o mundo.

Falta-nos apenas a sciência aplicada ao que já existe tradicionalmente e ao que de futuro pudermos ainda criar e desenvolver.

Tudo quanto se refere a lacticínios tem merecido, nos países muis cultos da Europa, um cuidado verdadeiramente comovedor, visto que o leite é o alimento primacial das crianças e dos velhos e tantas vezes o derradeiro recurso nutritivo dos doentes. Entre nós, tudo está por fazer, a começar pela cidade de Lisboa, onde a venda e distribuição do leite é vergonhosa, sob o ponto de vista higiênico, conforme é provado no relatório há pouco apresentado á Câmara Municipal de Lisboa, pelo lente da Escola de Medicina Veterinária, Sr. Paula Nogueira, que tem, como poucos, competência para

o dizer, pelos seus conhecimentos especiais e pela comparação com o que viu em alguns países estrangeiros.

Os países escandinavos é que primeiro encararam a sério o problema da criação e exploração dos animais domésticos, possuindo hoje uma indústria leiteira florescente e da qual teem, por assim dizer, o segredo.

O seu exemplo começa a espalhar-se por outros países, todos compreendendo hoje que são indispensáveis, para atingir um fim compensador nesta indústria, as cooperativas, as associações e os sindicatos, todo o sistema associativo económico bem conhecido e ainda mal praticado entre nós.

E, sobretudo, o que é necessário é fundar as escolas de lacticínios, sem as quais é impossível ter, em boas condições, manteiga, queijo, nata, leite condensado e pastorizado, e tudo mais quanto depende dêste ramo da indústria pecuária.

Estas escolas são, em toda a parte, quasi unicamente destinadas ao ensino feminino.

A Suécia possui numerosos estabelecimentos públicos particulares, destinados a ensinar ás raparigas a indústria dos lacticínios, e a idea da escola especial de leitaria pertence-lhe, pois foi ela que, em 1858, apresentou ao Parlamento o projecto que êste aprovou, com a imediata dotação de 6:000 *riksdaler* para o realizar.

Hoje, as escolas leiteiras, na Suécia, formam quatro grupos :

1.º O Instituto leiteiro de Alnarp, que é uma

verdadeira escola de ensino superior, organizada pelo Estado.

2.º As escolas oficiais estabelecidas em Björkfors e Atvidaberg, sendo a primeira reservada para o sexo feminino e a segunda coeducativa.

3.º Estações de leitaria do Estado, em número de 24, em diversas regiões, sendo os seus cursos sómente destinados ás raparigas.

4.º Escolas de leitaria estabelecidas por sociedades agrícolas ou pela iniciativa particular.

A iniciativa sueca seguiu-se a da Finlândia, a da Noruegá e a da Dinamarca, todas modelares no seu género.

Todos os outros países europeus lhes vão hoje no encaço, se exceptuarmos a Espanha e nós, infelizmente, irmanados nessa miséria!

Uma das mais antigas escolas de lacticínios que existem na Europa é, além das da Suécia, a de Edimon, fundada na Rússia, em 1871.

Não podemos alongar-nos neste assunto, em que tanto ha que dizer entre nós, porque não é um livro de especialização agrícola que estamos fazendo, mas uma simples tese de enunciação sôbre o muito que ha a fazer em Portugal, para utilizar o trabalho feminino.

Sómente queremos bem frisar que no assunto «Lacticínios», como em todos os outros, o primeiro passo a dar para o seu desenvolvimento é fundar as escolas femininas especiais e desenvolver a propaganda científica, vulgarizando-a pela palavra autorizada dos especialistas. E esta propaganda tem

de ser não só técnica, como social, pois esta indústria é das que não podem manter-se nem progredir, sem se resolver o problema associativo.

E' indispensavel que as senhoras cultas bem compreendam isto e que todas elas, esposas, mães, filhas, irmãs dos proprietarios e cultivadores, se liguem no pensamento comum de fomentar uma grande riqueza nacional, pondo de parte toda a divergencia de sentimentos e ideas que possa existir, visto que a questão economica não tem exclusivismos e para todos se apresenta da mesma forma imperativa. E' ás associações de senhoras cultivadoras que a nosso vêr cabe a simpatica e util missão de organizar as associações cooperativas operarias, porque ás mulheres não convem de modo algum seguirem nesse ponto o exemplo dos homens, criando incompatibilidades, e ás vezes odios, entre o proprietario e o operario.

As mulheres teem todas o mesmo interesse moral e todas portanto se devem unir numa fraternização inteligente, com que a sociedade só tem a lucrar.

Aos municipios impende encetar este trabalho de industria scientifica, limitada embora ás condições do meio e em harmonia com as tradições locais.





Avicultura

A seguir aos lacticínios vem, como um dos mais importantes ramos da pecuária, a avicultura nas suas inúmeras formas de exploração, a que já acima nos reportámos.

No nosso país começa a desenvolver-se este trabalho, que incontestavelmente deve estar, de preferência, a cargo da mulher.

Já atrás nos referimos ás grandes avicultoras americanas e ás especializações a que este ramo da pecuária dá lugar, sob o ponto de vista comercial.

Não insistimos senão no interesse que as senhoras das famílias dos proprietários devem tomar por esta grande e compensadora industria, a que só excepcionalmente os homens podem entregar-se, sendo tantos os outros assuntos, tantos os outros problemas economicos e sociais que absorvem a sua atenção.

Que deve ser esta industria uma das que á mulher mais especialmente se reservam é uma verdade axiomática em todo o mundo.

Em S. Paulo, onde ela se está desenvolvendo e

progredindo de fôrma que não ficará atraz das explorações norte-americanas, algumas vezes visitamos um belo aviario onde se selecciona a raça Wiandott, constituindo uma fonte de riqueza para a sua proprietaria, esposa dum engenheiro que da sua profissão auferia grossos lucros.





Sericicultura

Eis uma das industrias pecuarias a que mais interesse e carinho temos dado em a nossa já não curta vida de propagandista.

Ela é, por sua natureza, o mealheiro da mulher, principalmente dessa pobre e humilde mulher do povo, que é a chave da familia rural.

Laboriosa, previdente, sofredora, dedicada até ao sacrificio de si propria, tudo faz, tudo compreende, multiplicando o tempo e as fôrças, se do seu trabalho resultar uma esperança de beneficio para os filhos e para o marido, que é tambem um pouco o seu filho mais velho.

A sericicultura é em todo o mundo, e tem sido em todos os tempos de que a historia resa, uma industria caseira. É, pois, sem contestação um trabalho que ás mulheres e ás crianças exclusivamente compete, na fase da criação do sirgo.

Entre nós nada salta para levantar esta industria, que é a fartura, senão a riqueza de muitas regiões no estrangeiro.

Temos por nós a tradição anterior aos arabes e o desenvolvimento dado por estes á criação do bicho de seda e á industria de riquissimos tecidos com o seu produto fabricados. Temos a persistencia dessa cultura, embora caída na mediocridade, a que o ingente esforço do Marquês de Pombal a tentou arrancar, principalmente em algumas regiões do norte, onde as mulheres piedosamente, quasi num ritual religioso, a mantiveram até á doença que a teria morto para sempre, sem a intervenção intelligente dos agronomos.

A criação da Estação Agrícola de Mirandela e o trabalho de propaganda do seu illustre director sr. Menezes Pimentel foi, por assim dizer, o dique oposto ao desastre completo, tão completo que o pobre lavrador inculto e avaro da terra começava a derrubar as lindas amoreiras, que julgava já umas inuteis parasitas.

Aos municipios cabe um trabalho importante no desenvolvimento desta industria, que, por ser quasi absolutamente domestica, ainda mais deve merecer a atenção dos senhores vereadores, que são os representantes legitimos e imediatos do povo.

A criação das amoreiras nos viveiros municipais ou a sua requisição ao Estado e plantação nos lugares publicos, com a propaganda nas escolas distritais agricolas e o trabalho das missões aos pequenos povoados rurais, interessando os professores e os padres pensionistas e dirigindo-se principalmente ao elemento feminino, são coisas que os municipios podem com facilidade realizar.



Apicultura

Como a sericultura, está já bastante adeantada a propaganda da apicultura inteligente no nosso país, e, como naquela, também é necessário que todas as mulheres se convençam do grande interesse económico que representa para a vida familiar agrícola a criação e desenvolvimento da apicultura científica, tão afastada da antiga forma rotineira, como uma cubata de negros difere da casa do proprietário rural europeu.

Aos municípios impende, neste ramo da zootecnia, realizar um belo trabalho de iniciativa e fomento, auxiliando a aquisição e disseminação das colmeias moveis, o ensino pratico, a plantação das arvores melíferas nos terrenos municipais, a revogação da lei que afasta os colmeais, como perigosos, das povoações, quando provado está que nenhum perigo na aproximação das abelhas existe para o homem, se ele as souber tratar com o amor que merecem.

Aos municípios pode ainda caber, pelo menos

nos primeiros tempos, o fomento da industria com exposições, premios aos melhores apicultores, entendimento com o comercio das cidades para collocação dos productos, e diversas outras formas que as circumstancias locais forem apresentando.





Exploração de coelhos e porcos

A cuniculicultura é uma fonte de receita inestimável para o agricultor.

Mesmo no estado rudimentar em que tem vivido no nosso país, a coelheira é considerada o açougue das casas de campo, afastadas dos centros urbanos. Que a cuniculicultura é um trabalho que compete á agricultora ninguém o duvida, porque nas mãos femininas tem estado exclusivamente até aqui. O que se faz necessario é que o ensino agrícola feminino torne essa preciosa criação o manancial de riqueza, que tem obrigação de ser.

Tambem a exploração do gado suino está em grande parte do país entregue aos cuidados da mulher, pois quasi só na vasta e opulenta região alentejana se faz a criação do porco em montado.

No resto de Portugal os porcos são de chiqueiro e fazem parte dos animais domesticos de que a mulher especialmente cuida.

Mas, como esta industria representa a fartura do lar e dá aso á grande industria da conserva de car-

nes, que tem uma tão bela tradição na região alenjana, deve, para aperfeiçoar-se, fazer parte integrante do ensino domestico agricola a iniciar o mais depressa possivel em todos os municipios.





Escolas domesticas agricolas

A criação das escolas agricolas é, como vimos, da maior urgencia para o paiz, sendo opinião nossa que os municipios devem apressar-se a cri-las, num belo exemplo de descentralização que se harmoniza absolutamente com a forma democratica, fundo inato da vida nacional.

Além das principais culturas, devem estas escolas ensinar a fitopatologia (conhecimento e tratamento prático das doenças das plantas), a tecnologia agricola, rudimentos de medicina veterinaria na sua aplicação terapeutica imediata e vulgar, zootecnia, economia domestica, cozinha e tudo quanto a experiencia tem demonstrado ser indispensavel á vida mais farta e mais util da familia agricola.

A vida do campo, tal como ainda hoje se conserva nos países que não compreenderam o remedio a dar-lhe, é triste. E' desoladoramente triste, tanto para o pobre escravo da terra, o miseravel servo da gleba, que arroteia e cultiva sem inteli-

gencia e sem ideal um campo que nunca poderá chamar seu; como para o proprietario, e principalmente para as senhoras, que mal a toleram como um castigo, alheadas dos verdadeiros prazeres que ela encerra, ignorantes ou esquecidas do importante papel que são chamadas a representar na agricultura scientificamente modernizada.

A existencia da mulher nos meios rurais tem sido uma servidão para as pobres e um supplicio para as ricas.

Reconhecendo o perigo do exodo dos campos, todos os que se interessam inteligentemente pelas questões sociais fazem hoje uma lúcida propaganda agricola, collocando-a sob a protecção vigilante da mulher. Só ella, dizem os sabios, pode opôr um dique á corrente devastadora da emigração para as cidades e do abandono da terra pelo trabalho das fábricas, de mais aparente lucro, mas de mais deletérios effeitos, morais e materiaes.

No seu importantissimo livro *Le retour à la terre* diz mr. Jules Méline, antigo ministro da agricultura em França:

«De todas as formas que se podem empreender no interesse da agricultura, se se deseja impedir a deserção dos campos, não ha nenhuma de maior urgencia do que o ensino das mulheres.»

Antes de conhecer a opinião do conhecido estadista, já vinhamos dizendo de ha muito ás mulheres nossas leitoras: «A terra pertence-nos! A terra deve-nos mais no seu primeiro cultivo do que ao homem, caçador e guerreiro. A terra nos tem pren-

dido e enleado ao seu destino, como se tivéssemos raizes que no seu seio procurassem a seiva; mas a terra nos ha de libertar, dando-nos a dignificação do nosso papel de dirigentes de familia, e dando-nos a independencia economica, conquistada com o nosso proprio esforço, que sem ele nada vale a fortuna, como libertadora de consciencias».

A mulher necessita de ser bem orientada na agricultura, bem convencida de quanto vale o seu trabalho para o bem comum, e bem senhora do papel que lhe distribuem de *fixadora da humanidade ao solo* de que procedemos e que é mister voltamos a estimar.

Até aqui ela tem sido apenas pelo instinto essa força invencível que não deixa desagregar as sociedades, que não tem deixado desaparecer dos corações o sentimento colectivo da patria; ou seja nos velhos países emigradores, como o nosso, onde a mulher — pode bem dizer-se — ha seculos que é a guarda e cultivadora paciente da terra que o homem abandona pela miragem tentadora que o fascina, ou pela obrigação das armas em terras que é necessario manter em continuo estado de conquista e defesa; ou seja nos países novos, onde a imigração é a torrente de vida que fecunda o solo virgem. A mulher! Sempre a mulher é o traço de união do passado ao futuro, é a guarda da *terra mater*, é a mestra que transmite ás novas gerações as pequenas industrias tradicionais, as lendas do passado, a aspiração do futuro!

Dar pois á mulher a consciência da sua força

moral e entregar-lhe confiadamente o desempenho da sua grande missão social parece-nos o melhor bem que se pode fazer à Patria portugêsa.

Lembremo-nos de que a vida rural em quasi todo o país, que se intitula agricola e de facto o deve sêr, é profundamente desoladora e miserável.

O passadio das nossas populações rurais é menos do que frugal, porque chega a ser insufficiente, produzindo em grande parte o enfraquecimento e o raquitismo, que os médicos militares tristemente contestam. É necessário que a mulher, entrando conscientemente no desempenho de funções a que a rotina a tem escravizado, possa exercer a sua acção no sentido de melhorar a vida da família e consequentemente preparar o ressurgimento da raça portugêsa.





Industrias artísticas regionais

No renascimento moral e material da nossa pátria, que muitos não querem vêr por propósito mo-fino e arreliento, bastante temos a esperar da ini-ciativa tanto municipal como individual dos que, pela inteligência e pela fortuna, estão acima de quaisquer preocupações de ordem económica.

⁷ Do norte ao sul do país tudo ha por fazer, pois o passado deixou um *deficit* colossal de energias des-aproveitadas, de aptidões desprezadas, de inteligên-cias e labôr malbaratados pela ignorância e conse-quênte desinteresse dum pôvo que tinha perdido a consciência do seu dever, como representante do passado gloriôso e fiador do futuro próspero.

Industrias, artes e pequenos nucleos de trabalho que existiram por toda a parte, têm-se perdido, na concorrência brutal do grande industrialismo, por falta de estímulo, de educação e inteligente protec-ção, não dizêmos da parte do Govêrno — porque a sua acção cada vez a deseçâmos mais limitada, por inutil dentro duma colectividade instruida e autó-

noma — mas da parte dos municípios, assim como das pessoas que, pela sua cultura e pela sua independência, bem podiam ter fomentado essas indústrias.

Todos sabem o grande defeito — defeito?... Nem se póde bem saber se é defeito, se é qualidade, uma coisa que é característica dum povo ou dum indivíduo; mas dêmos-lhe esse nome, á falta de melhor — todos sabem que o nosso *defeito*, talvez até passageiro, filho da crise de agitação colectiva por que passamos, é sêrmos um povo que esgota extraordinárias reservas de energia, a falar e a discutir todos os assuntos, pouco se concentrando numa acção firme e persistente, executando uma idéa, um plano maduramente delineado e preparado com segura garantia de êxito.

O que se faz em outros países, numa acção lenta, mas progressiva, para auxiliar a colectividade menos preparada, é urgente fazê-lo entre nós, onde tudo nos deixaram em ruínas. É uma pátria nova a reconstruir, arrancando pedaço a pedaço, pedra a pedra, o que de bom e de tradicional, de util e de artístico, tinha ficado soterrado no desabamento a que nos levaram ânos e ânos de govêrnos sem intelligência e sem patriotismo, ânos que foram séculos para o atrazo da marcha da civilização.

Os tempos mudaram, mercê dos que não perderam o fio condutor que por momentos se embaraçou em mãos inexperientes, depois de ter sido doado com tão maravilhosa intuição pelo espírito extraordinário de Garrett.

Sempre que o nosso povo atravessa uma crise em que julgam que já desfalece e vai perecer, e em que as aves agoirentas começam a grasnar as suas litanias, volta-se para si próprio, mergulha bem fundo na alma extraordinária da mais persistente e mais forte das raças, e ressurgue mais môço, mais enérgico, mais capaz de lutar e triunfar.

Que importa que o abandonem alguns que por instantes tinham sido elementos uteis, achando o fio e dobando algumas braçadas com inteligência?

Os homens passam e são esquecidos, e o trabalho ficou e será aproveitado, porque pertence á collectividade.

Na bela obra de etnografia artística, que representa alguns capítulos soberbos das *Farpas*, Ramalho Ortigão refere-se com interessado carinho á industria moribunda dos nossos lindos tapêtes de Arrayolos.

Foi ha muitos ânos na leitura das *Farpas* que vimos a primeira referênciã a essa industria, que tão esquecida ia já da nossa terra.

Mais tarde, na orientação que felizmente pudémos imprimir ao nosso espirito, não só conhecêmos e apreciámos o encanto da industria artística, como nos foi dado possuir alguns exemplares autênticos dêsse trabalho lindíssimo em que tantas mulheres ocuparam o tempo e apuraram o gôsto, num passado que não pôde sêr esquecido nem renegado, porque teve, como tudo na vida, o seu lado bom.

Lendo numa revista francêsa um artigo que se

refere á obra dum benemérito, mr. Fenailles, sôbre a criação da actual industria dos tapêtes de Aveyron e o modo como por ella resolveu o problema de evitar a emigração para as grandes cidades e dar trabalho, em casa, ás raparigas pobres, a idéa veiu-nos bem nítida do que se deve fazer para ressuscitar no Alentejo uma industria artistica, que poderá ser, como factor económico e social, mais e muito mais do que a franceza, porque repousa em bases seguras dum passado que ainda se não extinguiu completamente.

Para realizar o seu intento fundou mr. Fenailles uma escola onde as alunas, tendo casa, cama e mēsa gratuitas, aprendem o fabrico dos tapêtes que primeiro mandou aprender por senhoras de competencia nas manufacturas da Argelia.

Depois de profissionalmente aptas a trabalharem sós, é-lhes fornecido o bastidôr, o modêlo do tapête, a lã necessária e todo o material preciso para exercerem o seu labôr no domicilio, sendo-lhes os utensilios e materiais descontados em pequenas prestações. E é o próprio fundador da officina que se encarrega da colocação dos productos, pagando-os, logo que lhos entregam.

É isto, muito por alto, o que nos diz a noticia e ao lê-la esboçou-se bem claro no nosso espirito o que havia a fazer com as industrias nacionais dos tapêtes de Arrayolos, com os interessantes trabalhos transmontânos de tecelagem em relêvo, com as rendas e bordados diversos e todas as demais industrias regionais, tornando-as, como se fez ás

rendas de Peniche e aos linhos de Guimarães, verdadeiras industrias de exportação.

O que mr. Fenailles fez na sua localidade já em Portugal se fazia ha séculos, sendo os conventos as caladas oficinas onde se imitavam com perfeição os tipos de tapeçarias orientais, sem dúvida riscos trazidos das nossas íntimas relações comerciais com o Oriente.

Esperêmos que a iniciativa municipal, com a sua influência directa sobre as escolas industriais districtais, ou algum particular intelligente e patriota, faça de nôvo ressurgir essa industria caseira dos tapêtes de Arraiólos, artística e luxuosa, que foi o encanto do baixo Alentejo. É necessário dar a esta provincia silenciosa, no seu viver tão calmo e simpático, e no seu orgulho forte de independência, o laço íntimo que prenda cada vez mais á terra, que tanto dêles necessita, os corações dos seus filhos.

Para isso é preciso que a mulher encontre o ideal no trabalho caseiro, e possua a clara visão do futuro que a espera a dentro do âmbito da família, que prepara a sociedade.

A mulher do Alentejo — que detesta a agitação nervosa da sua colega das Beiras e Algarve e não sente a acicata-la a ambição aventureira da nortista persistente em seus desígnios de abelha laboriosa — está naturalmente indicada para a realização dêste projecto.

A alentejãna, sonhadôra e pacífica, poderá ser extremamente feliz, passando as mãos delicadas por sobre a téla florída donde surgirão os mais for-

mosos e policrómos lavôres. A meia luz dôce dos seus interiores mouriscos, sonhará a felicidade sem sobresaltos violentos, vendo a família progredir farta e robusta, sorrindo para a pequenada gárrula que nos páteos interiores rebóla pela terra as suas carninhas duras de futuros atletas.

Sem ter esquecido os trabalhos caseiros e agrícolas que a solícitam, sem deixar perder o lucro certo dos galinheiros e do fumeiro bem provido, sem esquecer nenhuma das suas aptidões e indústrias de casa, a mulher, principalmente enquanto moça, terá no seu tear ou no seu bastidor um trabalho remunerador, artístico e (para que o não accentuar também?) devéras patriótico.

Devemos convencer-nos de que a iniciativa municipal num futuro breve nos dará razão.

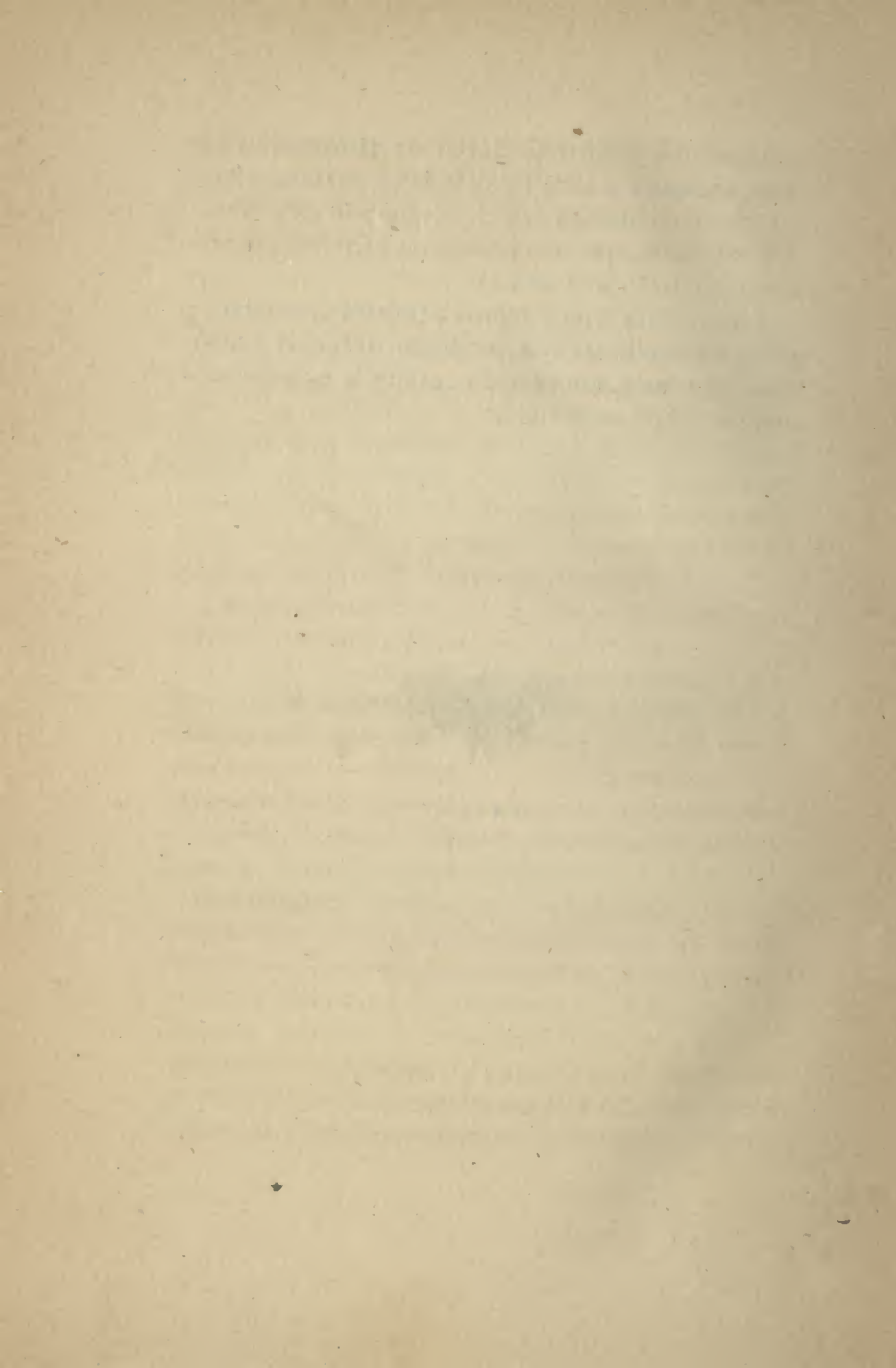
A maior compreensão dos direitos e deveres municipalistas trará a civilizadora descentralização e consequente desejo de progredir, que hade fazer com que cada município se compenetre bem das necessidades e aspirações dos seus municípes, fomentando a maior riqueza, de harmonia com o passado histórico e com o futuro.

Ha industrias ricas, e esta é uma délas, que não pôdem sair do trabalho feminino caseiro da classe média, sob pena de desaparecerem, como tem succedido a muitas e principalmente ás rendas em algumas localidades, como Setúbal, onde a grande industria de conservas de peixe, levando a mulher do povo para o maior ganho das fábricas, tirou-as da industria pobre, mas artística, das rendas de bilros.

As escolas industriais devem as câmaras auxiliá-las, para que em cada localidade se possam criar e manter as indústrias artísticas, que são a economia das mulheres que não podem ou não querem procurar profissão fóra de casa.

Tanto umas como outras profissões, são boas; todas as mulheres que produzem trabalho económico são úteis, num tempo em que a questão económica sobreleva a tudo.







A mulher na administração municipal

A propaganda sufragista, no intuito de fazer compreender que *universal* não é sómente masculino, vai conquistando terreno lentamente, não devendo demorar muitos anos que êsse princípio de liberdade e de justiça seja aceite na Inglaterra, como já o está nos países escandinavos.

Nos povos latinos, se a campanha sufragista encontra oposição, no que diz respeito ao eleitorado geral e á elegibilidade feminina para deputado e senador, pouca ou nenhuma oposição encontra para os cargos dos municípios e juntas de paróquia.

Ou seja porque a experiência está feita em países de grandes responsabilidades, como a Inglaterra, os Estados Unidos, a Austrália, a Noruega, a Suécia, a Dinamarca, a Finlândia e outros, ou seja porque não ha pessoa inteligente que não compreenda o benefício imediato que o trabalho da mulher podia trazer a certos encargos municipais e paroquiais, o que é certo é que os meios ferrenhos inimigos do sufrágio feminino não se pronunciam

abertamente contra esta primeira e mais importante fase da sua experiência político-administrativa.

Para honra das mulheres portugêsas, aqui o dizemos: ha por êsse país fóra senhoras que seriam utilísimos elementos nas administrações municipais, onde se requer, sobretudo um grande amor à terra portugêsa, que nas mulheres do nosso país é proverbial.

Sem querermos ofender nem desmerecer em coisa alguma o trabalho masculino, parece-nos justo esperar que da entrada do elemento feminino nas municipalidades resultará o fomento agrícola, no sentido associativo, e uma eficaz protecção ao ensino agrícola, doméstico e industrial feminino.

Não queremos de forma alguma supôr, e muito menos insinuar, que os municípios exclusivamente masculinos, como tem sido, não estejam aptos a fazer tudo quanto fôr necessario no sentido de fazer progredir a nossa Pátria comum, mas o que é certo é que a humanidade não é tão numerosa, que possa, de ânimo leve, continuar a pôr de parte o trabalho e a intelligência de metade de si própria.

A República Portugêsa necessita de chamar a si a mulher proprietária, a cultivadora, a industrial, que é já em todos os países civilizados uma fôrça respeitada.

Será ela, já o dissémos, a principal auxiliadora dos homens no trabalho de desenvolver a agricultura e correlativas industrias; será ela que naturalmente se encarregará de chamar as proletarias á

associação, que lhes ensinará o caminho a seguir para, por sua vez, serem uma força civilizadora no lar. Será nela também que as professoras encontrarão apoio para a sua alta missão social.

Nos países em que a mulher tem já lugar na administração municipal, a experiencia tem demonstrado que a sua acção é benéfica e moralizadora, interessando-se principalmente pela instrução, assistência infantil e pública, hygiene e melhoria das habitações, e jardins, repressão do alcoolismo, da prostituição, do jogo e tantos outros assuntos que á mulher mais de perto interessam, como mãe de familia.

Em todos os países que iniciaram já a cooperação feminina nos municipios, ella tem provado tão bem, que outros se lhe irão seguindo.

Depois da actual guerra europea, em que a mulher francêsa tem demonstrado tão altas qualidades de trabalho e disciplina, chegando mesmo duas senhoras a tomar a administração das *mairies*, por falta de homens chamados á fronteira, estamos certos que a França seguirá o exemplo da Inglaterra e dará entrada ás mulheres na administração municipal.





Conclusões

1.^a Sendo Portugal considerado teoricamente um país agrícola, de facto a agricultura e correlativas industrias conservam-se num estado de primitivismo vergonhoso.

E' urgente sair deste miseravel estado de inferioridade, interessando todos no mesmo ideal de progresso nacional, cabendo aos municipios a missão de disciplinar e dirigir todas as vontades para o mesmo fim progressivo.

2.^a Sendo a mulher considerada um dos factores mais importantes do progresso agrícola e o dique natural ao desenraizamento progressivo que atrofia as sociedades, é necessário liga-la á agricultura inteligente pela associação, pela escola e pela compreensão da felicidade que advirá para a familia portugêsa do seu trabalho scienticamente orientado.

3.^a Os municipios devem cuidar, sem perda de tempo, da instrução agrícola feminina, a exemplo do que se faz em todos os países civilizados, pela es-

cola agricola e domestica, especializando o ensino da floricultura, da arboricultura e da horticultura, que mais de perto interessam o trabalho feminino.

Ainda pela escola e pela propaganda deve chamar-se a mulher ao util trabalho da laticultura, bem como da criação de aves, coelhos, porcos, sirgos, abelhas, etc.

4.^a Não podendo esperar-se do poder central uma solução imediata e salutar ao problema urgente da instrução agricola feminina, deveriam as municipalidades encetar esse trabalho, fundando escolas domesticas-agricolas nas cidades mais populosas e fazendo espalhar por todas as populações rurais as missões de propaganda e ensino pratico, que tanto beneficio têm prestado em toda a parte.

5.^o — A escola agricola não pode de modo algum ser confundida com a escola primaria, sómente esperando-se dos professores desta uma bôa propaganda pela palavra e pela distribuição, a cargo dos municipios, de bons livros sôbre os assuntos que interessam a agricultura e suas industrias.

O tipo das escolas domesticas-agricolas femininas, bem conhecidas de todos os que teem viajado ou lido, deve aplicar-se de modo que a escola secundaria seja instituida nas cidades, a primaria nas vilas e as missões moveis percorram todas as pequenas localidades onde sejam reclamadas ou onde se veja serem necessarias.

6.^o — Sabendo-se quanta importancia tem para uma localidade o desenvolvimento das suas in-

dustrias regionais, devem as camaras influir para que, nas escolas industriais, de preferencia se estudem e desenvolvam as industrias que houver na respectiva região, dando-lhes o caracter pratico, facilitando a colocação do trabalho que se deve proporcionar ás obreiras, não só nas oficinas como no lar domestico, talvez ainda mais a estas, pelo interesse moral de as fixar á terra e consequentemente á familia.

7.º — Sendo conhecida e apreciada mundialmente a benefica influencia social da mulher na participação administrativa, principalmente das parochias e dos municipios, cumpre a este congresso formular o seu voto de adesão a essa legitima aspiração feminina, que honrará a mulher portuguesa, a quem tanto respeito e tanto reconhecimento deve o homem que ao seu lado a tem tido como colaboradora modesta dum passado glorioso.

Os tempos mudaram e a mulher, evolucionando como o homem, necessita de colaborar com ele no progresso e maior grandeza da Patria.

Este congresso, aceitando como representante dum municipio uma mulher, virtualmente formulou a sua adesão a essa ideia.



EX-LIBRIS



Acabou de imprimir-se
em 15 de Outubro de 1915

DA MESMA AUTORA :

Infelizes, (historias vividas).

Ambições (romance).

Quatro Novelas.

QUESTÕES SOCIAIS E EDUCATIVAS

Festas infantis.

Crianças e mulheres.

A mulher no casamento e no divorcio.

A's mulheres portuguezas.

PARA AS CRIANÇAS

Contos tradicionais portuguezes, (10 volumes).

Alguns Contos de Grimm.

Alma infantil.

As boas crianças.

Os Animais.

Contos e fabulas, Teatro, (3 volumes).

Historias escolhidas.

A colecção conta já 18 volumes completos.

MUSICAS, CONTOS AVULSO, TEATRO

Livros aprovados oficialmente em Portugal e Brasil

A Minha Patria.

A Boa Mãe.

Os Nossos Amigos.

Uma Lição da Historia.

Lendo e Aprendendo.

BREVEMENTE

Olim . . . (Historias passadas).

Auto do Trabalho ou o Passado e o Futuro.

Libertas (Livro de propaganda feminista).

A Victima (Romanço).

Peçam o catalogo illustrado, distribuido gratuitamente pela Casa Editora

PARA AS CRIANÇAS

Rua do Arco do Limoeiro. 17, 3.º — LISBOA